

Sem aumento, bóias-frias podem ir a greve.

Os trabalhadores rurais estão pedindo reajuste de 50% acima da inflação. Se não conseguirem, ameaçam parar em junho. As negociações com os usineiros estão encaminhadas, mas um racha na liderança da categoria deve dificultar o acordo. Em São Paulo ainda não há desabastecimento de álcool.

Atordoado com as notícias sobre o fim dos estoques de segurança, a falta de combustível em algumas cidades e a pressão de usineiros por reajustes no preço do álcool, o governo começa a se preocupar com um outro componente que pode levar o abastecimento a uma crise sem precedentes: as greves de bóias-frias. Os trabalhadores já vêm se reunindo nos sindicatos para discutir o assunto e entregaram uma pauta de reivindicações que dificilmente poderá ser atendida pelos empresários.

"Não vamos manter nossos estômagos vazios para encher tanques de carros", avisa Élio Neves, presidente da Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado (Feraesp). "Não é em cima da desgraça do cortador de cana que o Próálcool, de inteira responsabilidade dos usineiros e do governo, vai se sustentar", diz ele, afirmando que os 400 mil bóias-frias paulistas do setor canavieiro vão encaminhar normalmente suas reivindicações e, se for o caso, deflagrar greve.

Os trabalhadores estão pedindo reajustes de 50% acima da inflação e insistem em reivindicações antigas como contrato de trabalho por doze meses e mudança no sistema de pagamento de tonelada para metro. "O pessoal está descontente com os salários, com o término do trabalho mais cedo na roça e ainda existe um grande número de desempregados", disse o presidente do Sindicato dos Empregados Rurais de Barrinha, Alcides Barros, que defende uma greve já no início de junho, quando a safra está a pleno vapor.

Os usineiros reagem com cautela e advertem que este não é o momento propício para greves. "O abastecimento já está gerando enormes problemas e somos responsáveis, mas não os culpados", enfatiza Menezis Balbo, da Usina Santo Antônio, em Sertãozinho, e coordenador do Sindicato do Açúcar e do Alcool de São Paulo para as negociações salariais. Balbo acredita que as discussões caminham bem e que as partes estão próximas de um acordo razoável. Se as ofertas patronais forem aceitas, diz ele, um bóia-fria que corta a média regional de sete toneladas receberá um salário de NCz\$ 300,00.

O que mais preocupa os empresários do setor, no entanto, é o recente racha no movimento sindical que originou uma nova federação e dividiu as lideranças. O Sindicato dos Usineiros e a Federação da Agricultura no Estado (Faesp) só estão negociando, por enquanto, com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetaesp) considerada mais moderada. "Não temos nada contra ninguém, mas estamos encaminhando a questão pelas vias normais", explica Menezis Balbo.

Os sindicalistas ligados à Feraesp, porém, entregaram suas reivindicações diretamente aos empresários e afirmam não querer a presença do governo nas negociações. "Nosso grupo mobiliza efetivamente a categoria e representa de fato e de direito a vontade dos assalariados rurais", responde Neves, que tem o apoio dos sindicatos responsáveis pelas greves dos últimos anos na região de Ribeirão Preto. "Se o resultado não for bom, o único caminho é a greve", concorda Valdomiro Cordeiro, secretário-geral da Fetaesp, a federação mais antiga.

Entre os usineiros, ninguém acredita na radicalização das negociações, mas temem movimentos isolados no Estado em função de uma previsível disputa por liderança. "Embora com tristeza, parece que isso poderá acontecer", calcula Balbo, insistindo, porém, que greves desarticuladas não comprometerão o abastecimento de álcool.

O que assusta alguns setores do governo é a repetição de paralisações e distúrbios como os de Guariba, interior de São Paulo, que completa hoje seu quinto aniversário. Após a revolta de 15 de maio de 1984, com o saldo de um morto, vários feridos, saques e depredações, os bóias-frias paulistas já promoveram pelo menos três grandes greves no norte do Estado, responsável por um quarto da produção nacional de álcool.